

ENTREVISTA
COM A MORTE



UM SUSPENSE DE
JULIA GIAROLA ANDRADE

ENTREVISTA COM A MORTE



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021

Copyright © Julia Giarola Andrade, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

PREPARAÇÃO
Larissa Sobral

REVISÃO
Amanda Werneck

CAPA
Fakel Barros

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Andrade, Julia Giarola.

Entrevista com a morte / Julia Giarola Andrade. – 1ª edição – São
Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-89850-07-6

1. Ficção brasileira 2. Suspense 3. Drama I. Título

CDD: 869.3



São Paulo

Avenida Paulista, 326,

cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

www.editoracoerencia.com.br

Para todos que tenho medo de perder.

“Suas orelhas cairão
E seus olhos se obscurecerão
E seu nariz cairá
E sua pele se tornará mais espessa
E sua língua balbuciará
E seus lábios tremerão
E seus dentes rangerão
E seus pés se imobilizarão
E seu coração se quebrará”

(Vovelle, 1983, p. 108).

PRÓLOGO

— Estaremos prontos em dez minutos — Donna disse, afastando o microfone dos lábios e colocando apenas a cabeça uma última vez para dentro do camarim.

Normalmente, o apresentador, sentado na cadeira, sorria para a diretora de produção e amiga de tantos anos, contudo, já fazia algum tempo que ela não o via sorrir de verdade, então não esperou nem sequer um sinal para voltar a fechar a porta.

Ele a assistiu sair pelo grande espelho na parede. Seu cabelo castanho estava meticulosamente penteado em uma onda. O terno azul-marinho complementava seu visual profissional. A gravata vermelha dava-o a sensação de poder e coragem. E isto ele precisaria hoje. Coragem acima de tudo.

Fazia algum tempo que ele não se via tão arrumado. Nos últimos meses, seu vestuário consistia em uma calça de moletom e uma blusa feita por seu filho, quando este estava no primário. A camiseta branca era estampada pela impressão de duas palmas de tamanhos diferentes, em tintas de cores distintas. A mão maior era estampada em azul e a menor na cor vermelha. Ele usava o presente, sentindo a mão do filho no peito. Ainda não conseguia definir se isso o acalmava ou apenas o machucava mais.

O apresentador analisou a maquiagem sutil que sua equipe havia aplicado alguns minutos antes do aviso de Donna. Pegou um lenço e apalpou-se com cuidado na testa, para estancar o suor

que brotava em seus poros nervosos. Brevemente, ele levou a mão à cabeça, em direção à dor latejante que era coberta por muita maquiagem, escondendo eficientemente o corte fresco de alguns dias atrás. Esquivou-se rapidamente ao tocar a ferida.

Acompanhava os segundos no relógio.

Normalmente, o apresentador usava estes dez minutos de aviso para revisar suas anotações. Sentir-se preparado sempre o dava a sensação de tranquilidade. Hoje não. Hoje, qualquer nova olhada nas perguntas e as palavras poderiam quebrá-lo.

Sua equipe o havia ajudado a preparar as perguntas. Questionamentos filosóficos e sociológicos foram meticulosamente arquitetados durante o mês precedente ao que estava sendo chamada de “a entrevista do século”. Mudanças de última hora tiveram que ser adicionadas após o estouro dos protestos religiosos em oposição à programação, por isso, elaboraram alguns questionamentos teológicos para endereçar o problema.

Ele nunca havia sido uma pessoa religiosa, mas reconhecia bem o apelo temático em suas entranhas. Seu medo diante da convidada desta noite era tão amplo quanto seu ódio. Combinação bem similar aos pensamentos da Igreja em relação à mesma. Inicialmente, todavia, sabia que sua equipe se distanciara de tais questionamentos por sua causa, mesmo não sendo dito explicitamente. Ele conseguia ver isso em seus olhos. Temiam sua reação delicada e sensível à convidada. Ele próprio também temia. Suas emoções ainda estavam à flor da pele e por isso prometera a si mesmo ficar longe das questões pessoais. No entanto, era isso o que a audiência queria ver.

O público adora tragédia e era exatamente isso o que esperavam da entrevista. Isso e respostas para perguntas mais antigas que o tempo em si; questionamentos que somente ele teria o privilégio de fazer.

Olhou ao redor da mesa à sua frente. Havia algumas flores com cartões desejando-lhe “boa sorte”. O uísque com um laço com certeza era um presente de Nate. Fez planos mentais para dar bom uso àquela garrafa após a entrevista. Imaginou a bebida ardendo ao descer por sua garganta em algumas horas. Nada seria forte o suficiente e ele sabia disso, ainda sim, aquele presente seria uma ótima maneira de acalmar os nervos antes e após o evento da noite. Ele apenas não era corajoso o suficiente para beber antes da entrevista, tendo que se contentar com a expectativa do copo de comemoração.

Estava na hora, não podia mais esperar.

Respirou fundo antes de se levantar. Em um empurrão da cadeira, pôs-se de pé e pegou os cartões azuis de anotação, que estavam em cima da mesinha de madeira maciça de seu camarim. Ainda encarando seu reflexo, abriu seu paletó bem passado e guardou os cartõezinhos no bolso interno.

Respirou fundo mais uma vez.

Antes de sair em direção à porta, havia mais uma coisa a fazer. Passou os olhos por cima da mesinha e encontrou o que procurava. Agarrou o broche metálico em formato de estrela e prendeu-o próximo à lapela de seu terno, bem em cima do coração.

Não conseguiu definir se aquilo o acalmava ou apenas o machucava mais.

Respirou fundo uma última vez e saiu pela porta do camarim.

O arranjo elaborado de corredores do estúdio ainda estava gravado em suas veias. Fazia um tempo que não percorria aquela mesma rota, porém, nada o faria esquecer a sinfonia da preparação. Era como uma orquestra, que ele apreciava assistir toda vez que fazia seu caminho ao palco. Todos da equipe trabalhavam em sincronia conforme o seu caminhar. Ele passava, enquanto uns

carregavam iluminação ao *set*. Seu andar nunca era interrompido, não por medo, mas por mera harmonia.

Sentia falta disso.

Desta vez, em contraste, seu andar era mais cauteloso e não tão seguro de si. Os olhares que o cruzavam eram de tensão. Muitos da equipe se recusaram a estar ali para a entrevista, deixando os corredores mais vazios do que o normal. O medo dos que vieram estava estampado em seus olhos. Hoje, não era a harmonia que preenchia o *set*, era um simples silêncio absoluto.

Cada passo que dava ressoava pelos corredores. Decidiu manter sua cabeça baixa para não absorver o pânico ao seu redor, apesar de ter certeza de não compartilhar seus medos. Ao contrário de todos ali, ele não tinha medo de morrer.

Ao aproximar-se do palco, sentiu um ar frio e a sensação de que tudo em sua vida o levaria àquele momento. Até mesmo as tragédias... Principalmente as tragédias.

Avistou Donna na lateral das cortinas escarlate, com seus passos nervosos. Ela veio em sua direção. Revisou sua aparência, fixando o olhar no broche preso ao terno do apresentador e voltou os olhos ao palco, respirando fundo. Ela também se encontrava assustada; porém, era uma mulher ambiciosa e, a seu ver, seria responsável pelo evento mais antecipado de todos os tempos. Contudo, estava preparada para largar tudo isso de lado e ir conferir se seu amigo de data se sentia bem. Olhou no fundo de seus olhos, que encaravam a cortina, atentos. Normalmente, daria para ouvir a antecipação animada da plateia do outro lado do tecido. Naquela noite, porém, ouvia apenas um silêncio ensurdecedor.

Donna entregou o ponto do rádio para Guy colocar no ouvido, enquanto ajustava o microfone em sua lapela.

— Está pronto? — ela perguntou, atenta ao olhar do amigo. Qualquer sinal preocupante, não hesitaria em cancelar tudo.

O apresentador a encarou com um olhar desesperado e apreensivo, mas logo em seguida sacudiu a cabeça levemente em afirmação. Donna acariciou seu braço gentilmente, dando-lhe força para o que quer que fosse acontecer atrás daquelas cortinas.

— Estamos prontos — ela disse em seu microfone.

O ar parou. Tudo o que podia ouvir era a voz do narrador, que estava prestes a o introduzir.

— Senhoras e senhores...

As cortinas abriram-se lentamente e as luzes dos holofotes o cegaram. Ele preparou sua persona pública e posicionou-se para o cumprimento de circo que sempre fazia. Seus braços ergueram-se.

— ... Guy Standing!

ISOLAMENTO

1

— Guy!

Nate sacudiu-o mais forte do que pretendia. Ele era um homem grande, mas que não agia como um, fazendo as pessoas o enxergarem com uma corpulência mais frágil. No entanto, era inegável a presença que impunha em um local. Guy pulou assustado do sofá onde estava dormindo. Algumas latas de cerveja vazias caíram ao chão, juntando-se à bagunça espalhada pelo apartamento.

— Que merda é essa? — O homem encorpado olhou ao redor, julgando o apartamento desleixado assim que o amigo abriu os olhos.

Guy nunca fora de extravagâncias. Quando ganhou sua fama e sua primeira fortuna, mudara-se para uma casinha isolada fora da cidade. Contudo, sua moradia com a vista privilegiada não durara muito tempo, pois, alguns meses depois, mudara-se novamente com sua família para um apartamento bem localizado, no topo de um edifício equipado de piscina, academia, sauna e qualquer outra regalia que uma celebridade poderia desejar.

Agora, residia em um apartamento de um quarto, que mais parecia esquecido pelo próprio residente. Sua localização ainda era privilegiada, mas as regalias limitavam-se a uma privacidade de ponta de linha. A residência de Guy, porém, não condizia com o resto de seu prédio, dado ao lixo espalhado pelo chão e uma camada considerável de poeira acumulando-se nos móveis.

O homem corpulento discretamente evitava encostar nas superfícies do cômodo, iluminado apenas pelas luzes da rua. Nate Bales tinha intimidade com seu cliente. Eram amigos íntimos há anos e nunca achou que deixaria Guy se descuidar dessa maneira. Não pôde deixar de sentir um pesar ao ver que havia quebrado uma promessa a si mesmo: a de cuidar do amigo acima de tudo.

— Eu estou te ligando e batendo à sua porta faz vinte minutos!

Guy ainda estava um pouco atordoado com o despertar repentino. Esfregou o rosto com força para tentar acompanhar a bronca de Nate, que dava um passo para trás, abrindo espaço para que o apresentador se situasse. O agente sem querer pisou em um pacote vazio de amendoim que se encontrava jogado no sinteco.

— Que bagunça é essa? Há quanto tempo você não toma banho?

Nate, involuntariamente, colocou a parte de trás da mão sobre o nariz assim que o amigo se movimentou e seu odor se misturou ao do apartamento abafado. O rosto de Guy continha rastros de uma barba falhada, com migalhas presas aos pelos.

— O que você quer? — O cabelo do apresentador estava ensebado e espetado para cima.

Ele esfregou os olhos, tentando forçá-los a se ajustarem à luz irregular do apartamento.

Os dois encararam-se por alguns segundos até Nate entender um pouco a situação do amigo. Este parecia estar esquecido pelo tempo, trancafiado em sua torre de autodestruição. O agente olhou ao redor e começou a remexer os cobertores espalhados pelo sofá. Guy ainda tentava se recompor após ser retirado bruscamente de um sono pesado.

— Cadê o controle?

— Por aí. — Guy esfregou a face mais uma vez, antes de ajudar o amigo a procurar o controle em meios às cobertas.

— Como você pode dormir num dia desses?! — Nate interrogou, indignado.

Guy não deu atenção à pergunta. Para ser sincero, não sabia nem qual dia da semana era. Por isso tentou se lembrar se havia marcado algum compromisso com o agente previamente.

— Que dia é hoje? — Foi olhar pela janela, em busca de alguma indicação.

— A questão não é que dia é hoje... aconteceu uma coisa. — Nate parecia apreensivo. — Está por todos os noticiários.

Por um instante, Guy deixou sua cabeça viajar pelas possibilidades. Ele parou de procurar pelo controle da televisão para encarar Nate. Os músculos de seu corpo contraíram-se, temendo ser obrigado a encarar algo pessoal. A última vez que vira o noticiário, sentira náuseas ao assistir-se sendo analisado por pessoas que não conhecia. Sua vida sob os holofotes.

— O que aconteceu? — Guy perguntou, com medo de saber a resposta.

Ficou apreensivo. Nada traria Nate até seu apartamento, depois de todo esse tempo, se não fosse algo que o envolvesse. Conhecia bem o agente para temer suas atitudes.

Nate também cessou a procura para encarar Guy, como se estivesse se preparando para lhe dar más notícias. Seu olhar carregava medo, o que preocupou mais ainda seu amigo. Por um instante, este se sentiu sóbrio.

— Eu não sei te explicar... é complicado. — Avistou o controle no chão, perto do pé do sofá, e curvou-se para pegá-lo. — Eu mesmo não estou muito certo do que está acontecendo.

Nate ligou a televisão e não precisou procurar muito para encontrar um canal que anunciava a chegada da morte.

— *E após investigações de profissionais de diversas áreas, parece que finalmente chegamos a uma decisão conclusiva: a morte está entre nós!*

— A repórter de pele caramelo e cabelos encaracolados adicionou um peso às palavras, que pareciam sair de um livro de ficção.

Guy prendeu os olhos na tela, franzindo o cenho em confusão. Voltou a olhar para Nate, procurando uma explicação, mas o agente não desgrudou sua atenção por um segundo sequer, enquanto se sentava cuidadosamente no sofá.

Então uma cientista apareceu na tela dividida e recebeu a vez de falar:

— Ainda não podemos revelar muitos detalhes, mas até onde sabemos, um fenômeno nunca visto na história da humanidade acaba de se materializar diante dos nossos olhos. A personificação do que conhecemos como a morte quebrou as barreiras materiais e entrou em contato conosco. Estamos navegando em águas desconhecidas e esperamos entender mais sobre este fenômeno. Até onde nossos conhecimentos se estendem, a ciência não está preparada para explicar esta chegada, por isso me limito a uma simples descrição dos fatos, Susan.

A cientista vestia um terno cinza e equipava seu rosto redondo com um par de óculos de armação preta. Falava lentamente, procurando as palavras certas para descrever o inacreditável. A mulher temia comprometer-se como uma agente da razão ao professar os acontecimentos. Aquilo, porém, não poderia ser explicado por simples palavras.

Seu olhar era apreensivo; o mesmo que o de Nate. A repórter era a única que assegurava sua postura firme diante da câmera, passando confiança aos telespectadores.

— Vocês já conseguiram ter uma comunicação direta com a dita entidade? — a repórter questionou a especialista.

— Sim. Foi uma comunicação muito curta, porém bem clara. Podemos revelar que a entidade tomou uma personificação humana para iniciar o contato conosco. Após aprofundar as pesquisas e confirmar sua identidade, suas intenções foram claras.

Guy espremeu os olhos, já certo de sua obrigação sobre o que estava sendo noticiado. Contudo, ainda não tinha certeza se não estava sonhando.

— *E quais são elas?*

A cientista paralisou-se diante da pergunta. Ela mesma duvidando de si quanto ao que estava prestes a revelar. Em um suspiro profundo, cuspiu a frase:

— *Uma entrevista, Susan.* — A cientista disse sem acreditar nas próprias palavras. Simples assim, perdeu as nomenclaturas científicas e toda sua postura profissional. — *A Morte quer dar uma entrevista.*

Os sons da televisão pareciam desaparecer do ambiente quando Guy encarou Nate. Os dois estavam com expressões confusas diante do comunicado, sem entender direito o que achavam sobre a reportagem. Era a terceira vez que Nate acompanhava o anunciado na televisão, porém, sua reação continuava a mesma: puro espanto. O agente virou-se para a tela mais uma vez e aumentou o volume.

— Tem mais — disse com um suspiro.

Guy voltou sua atenção ao noticiário, para acompanhar a fábula quase fabricada.

Ele logo reconheceu a foto que havia viralizado sua tragédia pessoal. Um registro do pior dia de sua vida. A imagem que dizia mil palavras, mas que sempre o mantinha em silêncio.

Dizem que toda grande tragédia da história tinha seu registro visual, que contava mais do que era enquadrado pelos limites de uma câmera. Um marinheiro em êxtase, forçando o famoso beijo em uma mulher em frente à *Times Square*, comemorando o fim da Segunda Guerra Mundial. Crianças aterrorizadas, fugindo do local de um ataque de Napalm durante a Guerra do Vietnã, em 1972. Corpos empilhados nos campos de concentração no tempo do reinado de Hitler. Cada uma representando a epidemia de suas gerações.

Contudo, a imagem que preenchia a tela naquele momento era a marca do novo mal do século: uma epidemia do suicídio amplamente disseminada. A foto de uma ambulância estacionada em frente a um prédio elegante preencheu a televisão. Os paramédicos

carregavam uma maca para dentro do veículo, com um corpo já tampado com o lençol branco. Guy estava logo atrás da ambulância, com as mãos na cintura, encarando o corpo enquanto este era levado. Suas mãos sujas de sangue até os cotovelos. Sua blusa social branca, pintada de vermelho como uma tela expressionista. Ao lado, a segunda figura da desconsolação: Erica, agachada no chão em meio aos gritos de desespero. Ela olhava para os céus aos prantos. Se a imagem pudesse falar...

Guy manteve toda sua atenção no noticiário. Seu peito apertou-se ainda mais. Ele conhecia cada canto e cada detalhe daquela imagem, que não havia cessado de aparecer no contexto de sua persona. Seu nome era carregado junto daquela fotografia contaminada de melancolia, acompanhando-o como uma assombração vingativa.

— *E como podemos esquecer a tragédia do apresentador que perdeu seu filho alguns meses atrás!? Momentos registrados na imagem da tela.*
— A repórter parecia dar continuidade ao assunto que Nate e Guy perderam enquanto se encaravam.

Guy tentava conectar o evento sobrenatural à sua tragédia pessoal. Poeticamente, conseguiu enxergar a morte estampada na imagem, como uma terceira figura que chamava atenção pelo desespero indescritível de dois pais enfrentando seus piores pesadelos.

— *Isso nos faz perguntar se este é o motivo de Guy Standing ser o entrevistador selecionado pela entidade. Ele foi requisitado por nome.* — Um homem mais baixo havia se juntado ao grupo de discussão da repórter e da cientista. De acordo com a etiqueta do rodapé, ele era um filósofo renomado. — *Dizem que todo século tem sua imagem. Esta é essa imagem. A profundidade de uma perda. A epidemia da tristeza. A poesia da morte.*

Guy piscou os olhos quando Nate, de repente, desligou a TV. Aquela era toda a informação que o importava. Ainda não havia entendido exatamente o que acabara de assistir. Um conto de fadas invertido, talvez. Um pesadelo inédito aos seus apagões

sem sonhos. Uma pegadinha de mau gosto que o mundo inteiro planejava contra ele.

— Você está bem? — Nate analisou o amigo de longe.

— O que está acontecendo?

Precisava de mais explicações. Como aquilo poderia ser real? Não existiam cenários possíveis para aquilo acontecer. Guy parecia perdido; mantinha as mãos na boca, incrédulo por causa das palavras fantásticas que estavam sendo ditas com tanta credibilidade no noticiário. Esfregou as mãos no rosto e nos cabelos, tentando acordar do pesadelo; sua realidade, no entanto, manteve-se intacta. O ar estava parado, esperando uma reação aos pés do acontecimento. Mas a verdade era que nenhuma reação chegaria à altura do que havia acabado de acontecer.

Guy soltou uma risada sarcástica, ainda desacreditando o que acabara de ouvir no noticiário. Olhou ao seu redor e viu as garrafas vazias de vodca jogadas no chão. Aquela era a explicação mais plausível que poderia encontrar. Havia bebido até perder o senso de realidade. Aquilo nunca havia acontecido. Ele bebia apenas até apagar no sofá. Aquela, porém, era a única conclusão que cabia em sua mente fechada às possibilidades.

— Guy, isso realmente está acontecendo — Nate disse, enquanto assistia o amigo encarar o lixo espalhado pelo chão. — Presta atenção! — Aproximou-se do amigo e pegou seu rosto, exigindo toda a seriedade que lhe poderia ser oferecida. — Eu não sei o que está acontecendo, Guy; só sei que você vai ser a primeira pessoa no mundo a entrevistar a Morte.

O apresentador havia perdido um pouco das informações do noticiário, após ver a imagem de seu filho sendo levado morto na ambulância. A ficha ainda estava caindo a respeito das requisições pessoais e específicas da Morte.

— Como assim? Eu não estou entendendo... o que que eu tenho a ver com tudo isso?

Nate deu de ombros e virou-se de costas, indo em direção à cozinha com passos cuidadosos, para não pisar no lixo espalhado pelo sinteco.

— Eu não sei, Guy. Só sei que meu telefone não parou de tocar desde ontem.

O agente abriu o armário da cozinha e pegou um copo baixo, depositando-o sem cuidado em cima da bancada. Logo em seguida, era a vez de derramar a vodca, que encheu o copo com agressividade. Ao levá-lo aos lábios, balançou a cabeça, rejeitando os acontecimentos. Em um só gole, esvaziou o recipiente.

— Todos estão assustados.

Ele entornou a vodca mais uma vez no copo e o levou até a sala, juntando-se a Guy novamente.

— Por que eu? — Guy ainda parecia dissociado do assunto, incrédulo quanto à viabilidade dos eventos.

Nate deu de ombros de novo antes de se sentar na ponta oposta do sofá. Os dois encaravam o espaço vazio atrás da TV. O agente deu mais um longo gole da vodca, tentando acordar para a realidade. Guy isolara-se do mundo já fazia algum tempo; não sabia mais como as coisas funcionavam. Assustou-se com o quanto poderia perder em pouco tempo; um evento que, não fosse pelo agente, passaria despercebido por ele.

Nos últimos meses, não havia tido o costume de ver TV, ligando-a apenas para assistir documentários sobre o reino animal no *Discovery Channel*. Ficou o mais longe possível dos canais de notícia, adotando uma ignorância sobre os acontecimentos da atualidade. Aqueles já não o interessavam mais. Eram apenas sombras que passavam de vez em quando pela janela de seu apartamento, enquanto ele assistia a um mundo fictício por sua caverna particular.

— Só sei que é o único requisito para responder qualquer pergunta. E todos estão loucos para extrair a verdade da...

O agente não conseguiu terminar a frase. Era muito carregada para ser dita. Nate deu um último gole, esvaziando seu copo pela segunda vez. Era isto o que pediam a Guy: que entrevistasse algo que era mais profundo que as palavras.

— Você não espera que eu vá fazer isso, né!?

Guy parecia convencido de que aquilo era apenas informações que Nate lhe trazia e não um pedido. A própria noção ainda não cabia em sua cabeça, e mesmo se coubesse, ele não tinha condições para carregar algo daquela magnitude em suas costas. Ele mal carregava a si próprio ultimamente. Seu corpo era constantemente pesado, fazendo com que simplesmente se arrastasse pelo apartamento. Era um caminho curto entre o sofá, a cozinha e o banheiro, os três cômodos que facilmente satisfaziam suas necessidades diárias.

— Guy, preciso que me escute. — Nate aproximou-se com cuidado, como se não quisesse atizar um animal selvagem. — A ninguém no mundo foi oferecida esta oportunidade. Só a você. Mais ninguém.

— E você não acha isso estranho?

O apresentador fazia o certo ao questionar a estranheza do pedido. Tudo aquilo gritava “aviso”, e não seria ele quem o iria ignorar. Apesar de se distanciar da razão e passar boa parte de seus dias sob a influência do álcool, o apresentador ainda possuía um pingão de sanidade, e ela estava implorando para que ele recuasse ao pedido de Nate, ao pedido do mundo, da Morte.

— Sim, mas não é algo que não possa ser respondido, caso decida perguntar. — Nate era bom com as palavras e sempre conseguia convencer o cliente e amigo a fazer coisas que não queria. Acima de tudo, a verdade era que Guy confiava em Nate mais que ninguém. Sabia que seu interesse era sempre voltado ao seu benefício. — Porém, você é o único que pode fazer essas perguntas, Guy. É só você. Você não quer saber a resposta?

Guy permaneceu em silêncio por um tempo. Ele realmente queria saber a resposta, mas não para essa pergunta. Ficou contemplando o que realmente gostaria de saber, mas jamais perguntaria. Como alguém como ele poderia enfrentar a morte, sendo que já havia falhado miseravelmente no passado? Ele não se provara forte o suficiente na primeira vez e, naquele momento, mais do que nunca, sentia-se tão fraco.

— Você não sabe se isso não passa de uma pegadinha de mau gosto ou... você não sabe, Nate! Não se sabe se esta “entidade” é mesmo a Morte. Não vou me sujeitar a algo desta magnitude por um simples pedaço dos fatos. — Guy pausou-se para recuperar o fôlego. Começava a se exaltar ao questionar seu envolvimento na entrevista. — Você realmente acha que isso é a Morte?

— Eu não sei... — Nate coçou a testa. — Mas acho que não realmente importa. Esse simples pedaço dos fatos foi o suficiente para chocar o mundo inteiro e todos precisamos decifrar este mistério. É simplesmente algo que precisamos decifrar, mesmo que isso implique em falar com algo que não seja real. O mundo merece ouvir o que ela tem a dizer. — Nate observou a expressão do apresentador para saber se estava sendo convincente. — Eu estarei ao seu lado, Guy. Vamos fazer isso juntos.

A verdade era que Guy não tinha nada a perder. A maioria das pessoas temeria primeiro por suas vidas caso um contato direto com a Morte as fosse oferecida. Guy, por sua vez, não compartilhava este medo. Ele já não lembrava mais como era não sentir uma constante dor no peito, um incômodo na testa e fincadas nas entranhas. Era simplesmente assim que ele se sentia o dia todo, desde que encontrara seu filho com os pulsos cortados em seu quarto.

Guy morreu nesse dia.